

Mídias Sociais e Educação: Perspectivas, Formação Docente e Ferramentas Digitais¹

Clovis FURLANETTO²

João de Deus DIAS NETO³

Marion Neves AUGUSTO⁴

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

Resumo

Este trabalho analisa publicações sobre inter-relações entre Mídias Sociais e Educação. Aprendizados, percepções e consequências sobre impactos das novas tecnologias da comunicação e informação - TIC's são evidenciados. Três eixos foram destacados na análise de conteúdo: perspectivas das mídias sociais em ambientes educacionais, formação de docentes e públicos envolvidos e panorama das ferramentas digitais. O objetivo é gerar reflexões sobre possibilidades de ações, nos ambientes educacionais, para a inserção qualitativa da sociedade nos espaços digitais. Apesar do acesso às ferramentas tenha aumentado vertiginosamente, persistem problemas na capacitação de todos os envolvidos em processos educacionais, gerando desafios para que haja uma absorção rápida e qualitativa das tendências e perspectivas, na educação das próximas gerações.

Palavras-chave: mídias sociais digitais; educação; ferramentas digitais.

Introdução

A condução das políticas de educação apresentou avanços importantes, nos últimos anos. Programas governamentais permitiram, a muitos brasileiros, profissionalizarem-se em cursos de nível técnico e superior, via financiamento público ou bolsas de ensino. O questionamento, neste cenário, é sobre a necessidade de alertar gestores da educação sobre a relevância das tendências e perspectivas das mídias sociais digitais na educação, para resultados qualitativos que permitam aos discentes tornarem-se competitivos, quando de seu ingresso no mercado de trabalho. Para aqueles já inseridos, criar ambientação para manterem-se atualizados com qualificações que agreguem valor às suas atividades profissionais. Inclui-se nesta perspectiva a socialização crescente destes novos saberes e demais implicações das mídias sociais digitais, em termos de benefícios gerais à sociedade como um todo. Sintetizar perspectivas das mídias sociais em ambientes educacionais,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação - USCS Universidade Municipal de São Caetano do Sul-SP, email: c.furlanetto@yahoo.com.br.

³ Mestre em Comunicação - USCS Universidade Municipal de São Caetano do Sul-SP, email: deus.neto@uol.com.br.

⁴ Mestre em Comunicação - USCS Universidade Municipal de São Caetano do Sul-SP, email: marionaugusto@yahoo.com.br.

discutir a relevância da formação qualitativa de docentes envolvidos com estas tecnologias, e, por fim, estudar um panorama das ferramentas digitais, neste processo, são elementos-chave, que incitam reflexões sobre como encontrar melhores caminhos, para que as próximas gerações estejam plenamente integradas às estas novas tecnologias.

Metodologia

Para categorização dos artigos escolhidos, os pesquisadores utilizaram a análise de conteúdo (Bardin, 2011). Foram analisadas 31 publicações sobre a questão da educação em meios tecnológicos, com identificação de três eixos principais, para os quais os autores voltaram suas preocupações. Da amostra, selecionaram sete artigos estudados a partir das seguintes centralidades: tendências e perspectivas das mídias sociais em educação, capacitação de profissionais para uso das novas tecnologias na educação e mídias sociais como ferramentas na dinâmica do ensino-aprendizagem.

Independentemente da natureza de seu suporte, para Bardin, (2011), a análise de conteúdo devia ter sua aplicabilidade em todas as formas de comunicação, respeitando-se as graduações de maior ou menor facilidade nesta aplicação. Destaca, para tanto, duas funções da análise conteúdo, que podem dissociar-se ou não na sua prática:

[...] função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão para a descoberta. É a análise de conteúdo “para ver o que dá”. [...] função de “administração da prova”. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias, servindo de diretrizes, apelarão para o método da análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação⁵. É a análise de conteúdo “para servir de prova” (BARDIN, 2011, p. 35-36).

O tratamento dado aos artigos analisados, os enquadraram como unidades de registro, pois cada artigo foi caracterizado como “[...] unidade de significação codificada e correspondente ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (BARDIN, 2011, p. 134). Assim, estabeleceu-se três categorias de artigos: perspectivas, formação docente e ferramentas digitais.

1. Tendências e perspectivas das mídias sociais na educação

Os artigos sobre perspectivas buscam o entendimento de um futuro, que se redesenha dia a dia, com a célere penetração das mídias sociais nos ambientes de ensino-aprendizagem. As construções discursivas dizem respeito, tanto a ambientes formais de

⁵ Infirmação: no texto, ato ou efeito de infirmar, de tirar a força ou anular; invalidação. Fonte: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=infirma%25C3%25A7%25C3%25A3o>. Acesso em 09 jul. 2016.

educação presencial, quanto a ambientes virtuais de aprendizagem. Souza et al. (2012, p. 2) lembram que persiste o conceito, em algumas sociedades, de que a educação formal deve ser destituída de prazer, ou seja, apenas prevalece a obrigação entre o aprender e o ensinar. Esta visão oblíqua e funcionalista da educação conteudista, na qual a escola faz somente transferência de saberes, não tem mais espaço na atualidade e sua irreversibilidade estará presente nas próximas gerações. Não há educação efetiva com processos unidirecionais. Fazendo transposição para pesquisas sobre comunicação, Marcuse e seus companheiros, na década de 1960, criticavam o modelo funcionalista da comunicação unidirecional:

[...] faziam eco diversas experimentações no campo da comunicação e das artes. Elas visavam exatamente o rompimento com a tradição teórico-prática fundada na disjunção emissão-recepção. Experimentavam a bidirecionalidade e assim contribuíram, para solapar as bases do modelo funcionalista de comunicação (SILVA, 2006, p. 114).

Hoje, os processos comunicacionais ultrapassam a ótica da bidirecionalidade. Não se concebe mais a existência de modelos educacionais em que a escola é apenas um repositório de saberes transferidos aos alunos, sem manifestação de aprendizagem por parte dos discentes. Os autores analisados indicam a necessidade de compreensão holística dos cenários que envolvem o uso de mídias sociais na educação: atores sociais e plataformas digitais, nas quais há processos estruturais, conversacionais e informativos. Preocupam-se em evidenciar a importância da produção dinâmica de conteúdos, que deve ter caráter contínuo. Nas nações desenvolvidas, é observável a capacidade de geração de inovações tecnológicas, por meio do aprendizado contínuo, que possibilita o desenvolvimento humano.

[...] o processo de aprendizado é permanente e atrelado ao desenvolvimento humano, torna-se cada vez mais imprescindível a busca por uma alternativa educacional inovadora (CAPRINO; GOULART; ROSSETTI, 2008, p.104).

Se o cenário das mídias sociais é dinâmico, os conteúdos não podem ser estáticos. As publicações precisam de atualização contínua, com páginas permanentemente atraentes aos alunos. Também é necessário atualizar ou substituir as plataformas, quando necessário. Os artigos pesquisados lançam perspectivas sobre práticas educacionais lastreadas no Facebook e discutem a viabilidade da continuidade da educação formal. Analisam o rompimento da fragmentação e hierarquia do ensino, por meio de produções particulares e grupais. São práticas inovadoras e sintonizadas com a procura dos alunos, que, como qualquer sociedade contemporânea, demanda produtos e serviços condizentes com sua realidade espaço-temporal. A “geração net” vive e respira ferramentas tecnológicas e explora sua praticidade no trabalho, na educação e no lazer. Lima (2.000, p.15) confirma este cenário:

[...] podemos conversar com pessoas ao redor do mundo em tempo real, enviar correspondências que são entregues em poucos minutos, trocar experiências com pessoas espalhadas pelo mundo, fazer apresentações em outros países, participar de cursos ou seminários no conforto de nossa poltrona, fazer compras sem sair de casa, trabalhar em um país e morar em outro, contribuir socialmente decidir ou opinar sobre fatos e eventos, etc.

A educação contemporânea permite que os conteúdos estejam presentes em diferenciadas plataformas (GOULART, 2013, p. 71). A emissão, veiculação e o recebimento de conteúdos são fatores críticos de sucesso nos processos educacionais:

[...] são transmitidos em formatos e representações definidos conforme o domínio de conhecimentos a que pertencem, em mídias apropriadas, e que promovam a sua compreensão, recebendo a significação objetivada nos processos cognitivos (GOULART, 2013, p. 71).

Para o autor, “a disponibilização dos conteúdos para diversas mídias, como os smartphones, os tablets e os laptops, permite o estudo autônomo e em qualquer lugar e horário” (GOULART, 2013, p. 86). Interatividade e novos desafios, permeados de uma navegação auto-organizada de acordo com a pessoa interagente, determinam processos de aprendizagem inovadores: tecnologias de voz, áudio, vídeos, posição etc. São novos aspectos do cotidiano, que, com o apoio das mídias sociais digitais, reforçam a necessidade de repensar a educação de acordo com práticas menos lineares. Sobre a nova geração de usuários e desenvolvedores de sistemas baseados nas novas tecnologias, Lima (2000) os chama de bandeirantes do novo mundo, “crianças em um parque de diversão sofisticado e com recursos ilimitados” e alerta:

Demonstrando iniciativa, ousadia e criatividade, eles deixam claro que o uso de paradigmas ultrapassados já não satisfaz e que sua sede de conhecer exige novas abordagens, novas tecnologias e novas alternativas. Para eles, a informação ou conhecimento não pode ser apresentado de forma discursiva e linear (LIMA, 2000, p. 25).

Este quadro de perspectivas, em relação às mídias sociais e educação estará em contínua produção, onde as tintas se sucederão em muitas camadas e nuances. A “educomunicação” preconiza sinergia entre educação e comunicação, multimídia, colaborativa e interdisciplinar, num fluxo de todos para todos, com critérios de igualdade, dentro ou fora da sala de aula, incentivando o pensamento crítico.

A discussão sobre a Web 2.0 e Redes Sociais, como suporte para alavancar a educação presencial ou a distância, é visível nas produções científicas estudadas, de forma direta ou implícita. São tecnologias indispensáveis às novas práticas educacionais, devido à sua flexibilidade ao modelo de ensino tradicional de educação, abrindo novas frentes para a

aprendizagem colaborativa. Ao discorrer sobre desafios para a educação a distância, especialmente, como fazer emergir a colaboração e a cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem, Okada (2003, p. 273-274), afirma, sobre a expansão do aprendizado *online*:

[...] Além dos sofisticados sistemas que permitem configurar ambientes virtuais de aprendizagem, existem também diversos artefatos gratuitos disponíveis na web que possibilitam a participantes, alunos e professores construir os seus próprios espaços de aprendizado.

Este momento da educação exige um “repensar” sobre ferramentas Web 2.0/Redes Sociais. A construção coletiva é inexorável e vem para agregar qualidade às produções educacionais, onde a interação e transformação de ideias, alicerçadas em interesses mútuos, é geradora de conhecimento coletivo. Daí a importância dos processos comunicacionais nestes ambientes, que devem ser gerenciados também de forma coletiva: alunos e professores. Fóruns, debates, blogs e demais dispositivos, que possam ser utilizados para troca de informações e disseminação de novos conhecimentos, são mais do que desejáveis. Este é o aspecto mais positivo da plataforma Web 2.0: compartilhamento de vídeos, envio e recebimento de notificações, enfim, permitir a criação, desenvolvimento e manutenção de ambientes colaborativos para a construção do conhecimento. Silva (2013, p.1) disserta sobre as operações com mídias sociais e práticas formativas na Educação Básica, com a possibilidade de criação coletiva e seus benefícios sociais:

[...] efetivam-se na interação entre pessoas, que através da integração e discussão, constroem conteúdos compartilhados, usando a tecnologia como meio. [...] A garantia do acesso à informação, é um problema que deve levar em conta abordagens que busquem valores fundamentais e universais, a exemplo da ética e da cidadania. A capacidade de reter, processar e transmitir informações vai se transformar na chave da produtividade econômica, do poder político e da inserção social.

Para otimizar estas ferramentas, nos processos comunicacionais e de ensino-aprendizagem, reforçar a necessidade de nivelção entre corpo docente e discente é fundamental. Hoje, o discente apresenta rápida integração com as novas tecnologias e, muitas vezes, tem mais habilidades e competências nesta área, do que seus professores.

Entre as tendências tecnológicas para as universidades brasileiras (Bibiano, 2014), previstas até 2020, discute-se ações já comuns em algumas instituições como sala de aula invertida, games aliados ao ensino, aplicativos móveis, aprendizado *online* e outras em processo de adoção: análise de aprendizagem individual, aprendizado móvel, produção de conteúdo aberto, laboratórios remotos e virtuais, realidade aumentada, internet das coisas, geolocalização e assistentes virtuais.

As perspectivas estudadas também discutem a existência de apoiadores e pessoas contrárias, que restringem o uso das mídias sociais no processo de educação e aprendizado, sem falar da própria resistência de docentes, muitas vezes motivada por dificuldades em padrões adequados de infraestrutura. Os pesquisadores destacam conquistas e possibilidades de dias melhores, em que se facilite o acesso à uma educação de qualidade, fundamentada em tecnologias da informação e comunicação, especialmente, mídias sociais. Fazem um chamado à reflexão sobre a relevância e obstáculos, que permeiam os processos que envolvem o binômio mídia-educação e a formação de profissionais da educação.

Defendem que, a função social do educador de forma plena - formação do cidadão - só se torna efetiva se houver a apropriação crítica e criativa das mídias de forma integrada, em todos os processos educacionais de todos os níveis, para atendimento das demandas sociais e culturais. Propõem o desenvolvimento e disseminação de uma tradição da mídia-educação, alertando que é um campo novo, o qual enfrenta problemas para se consolidar, devido à pouca importância dada a essas novas tecnologias na formação inicial e continuada de profissionais da educação, elegendo os principais obstáculos a serem enfrentados. Abordam mídia-educação como parte essencial dos processos de socialização das novas gerações e das gerações adultas, numa concepção de educação ao longo da vida.

Para que a sociedade da informação seja uma sociedade plural, inclusiva e participativa, todos os cidadãos, principalmente os jovens, devem ser capacitados naquilo que a UNESCO chama de aprender a aprender - “aprender” o conhecimento -, compreender a informação, com distanciamento necessário à análise crítica; utilizar e produzir informações e todo tipo de mensagens. Em Portugal, já no final da década de oitenta, o cientista da computação, António Dias Figueiredo, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, gerenciou o Projecto Minerva⁶. Em suas convicções, destacava que nos ambientes em rede:

[...] os alunos-nós-de-rede, membros de comunidades, sentem que a construção do seu conhecimento é uma aventura colectiva – uma aventura onde constroem os seus saberes, mas onde contribuem, também, para a construção dos saberes dos outros (FIGUEIREDO, 2002, p. 2).

Para o autor, “... à medida que a aventura se renova, vão aprendendo o que cada um vale, não apenas por si, mas pela forma como se relaciona com os outros – como com eles ‘constrói’ o que nunca, ninguém, conseguiria construir sozinho” (FIGUEIREDO, 2002, p.

⁶ Projecto Minerva: projeto do Ministério da Educação português. O seu propósito consistia na introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, nas escolas do ensino básico e secundário.

2). Nestes ambientes, os estudantes têm a percepção e confirmação de que fazem parte, em simultâneo, de muitas comunidades, pelo alto compartilhamento de saberes. Assim,

Vão aprendendo que o seu próprio valor para uma comunidade depende, não apenas de si próprios, como seres isolados, mas também da forma como podem contribuir para ela pelo facto de pertencerem a outras (FIGUEIREDO, 2002, p. 2).

Na troca constante de saberes, verifica-se que o trinômio comunidade, identidade e pertencimento se amplia, pois, os jovens participam de várias comunidades, existe a reflexão sobre as identidades entre elas e os respectivos sentimentos de pertencimento, os quais instalam-se em mais de um grupo social.

Após síntese das tendências e perspectivas das mídias e suas aproximações com a educação, culminando em sua importância no sentido da disseminação comunitária de saberes, passemos à discussão a respeito dos atores docentes envolvidos nestes processos.

2. Capacitação de profissionais, para uso das novas tecnologias na educação

A aplicação das tecnologias da informação e comunicação tem se mostrado cada vez mais importante e necessária no cenário educacional. Face ao pluralismo dos alunos, que tem ingressado nas faculdades, escolas, cursos de extensão dentre outros, faz-se necessário a capacitação docente, com intuito de melhorar e ampliar o aprendizado dos discentes. Assim, como o conhecimento e informação são primordiais em nossas vidas, as novas tecnologias deveriam também fazer parte dela. Para Azevedo e Friedrich (2013, p. 225):

Há uma mudança paradigmática envolvendo professor e aluno a partir da inserção das novas tecnologias nos contextos educacionais. São mudanças jamais imaginadas e, portanto, não planejadas nos processos formativos pelos quais os docentes construíram seus caminhos profissionais.

Almeida (2011) salienta que a comunicação e a informação se tornaram instrumentos fundamentais nas ações educacionais, diante das inúmeras possibilidades que as mídias digitais apresentam e que permanece o grande e evidente desafio de desenvolver meios eficazes, para integrá-los ao ambiente pedagógico. Reforçam ainda Silva et al. (2011) a relevância da capacitação permanente do educador, para procurar entendê-los e aplicá-los. É essencial que os professores não se intimidem diante dos obstáculos e que se apresentem como profissionais engajados, neste constante processo de mediar conhecimento buscando alternativas diferenciadas, nas possibilidades de uso das tecnologias na escola. Um grande desafio do educador é transformar sua aula, em um ambiente interessante para o aluno.

O aluno se interessa por aulas diferenciadas. Uma forma de se criar um clima positivo de aprendizagem é tornar a aula o mais fascinante possível. A informática oferece indiscutivelmente opção de diferenciação, pois é capaz de prender a atenção dos alunos e motivá-los na busca do conhecimento, mediados pelo professor, ou por iniciativa própria. Caso isto não aconteça, o ensino se transforma em mera transmissão de informações.

Em relação à EAD (ensino a distância), qualquer professor, com vivência nesta modalidade de ensino, entende que a educação é cíclica e muda constantemente de conteúdo e forma ao longo do tempo e de sua produção (GOMES e PACÍFICO, 2014).

[...] a educação, a inserção das novas tecnologias e sua influência no processo de formação de professores como objeto de investigação não pode ser o fim em si mesmo, como um caso isolado das tramas estabelecidas no tecido da história, pois, a educação não está imune às transformações da base material da sociedade [...] (GOMES e PACÍFICO, 2014, p. 83).

A formação dos professores sofre processo de reconfiguração e, independente de juízo de valor, trará impactos no trabalho docente. Seu desconhecimento poderá ampliar o quadro de desigualdade, o que já é uma realidade. Silva corrobora apontando,

A educação hoje, já não pode mais manter-se somente como acadêmica ou profissionalizante, por isso necessitamos de professores que conheçam o sistema produtivo e principalmente as inovações tecnológicas (SILVA et al., 2011, p. 18).

A capacitação docente adequada depende da gradativa incorporação de recursos tecnológicos em sua prática docente, não se resumindo apenas à um certificado de capacitação em informática. A incorporação destas tecnologias, no “fazer diário”, do professor é complexa e depende de variáveis e fatores, que permeiam esta realidade.

Em relação à inserção das novas tecnologias na educação, a primeira preocupação (muitas vezes devido ao fato do despreparo dos dirigentes) é com a aquisição de equipamentos e instalação de programas de computadores para a educação (softwares educativos, etc.), como se isso pudesse garantir utilização eficaz do computador nos diferentes níveis e modalidades de ensino (SILVA et al., 2011, p. 19).

Por outro lado, a preparação dos professores, para uso destas tecnologias, não tem sido contemplada como prioridade nas decisões estratégicas, na mesma proporção dos investimentos correlatos. Percebe-se uma ideia errônea de que computadores e softwares resolverão todos os problemas educativos. A transformação do conhecimento e atuação do professor, frente às novas tecnologias, exige que ele saiba fazer análise crítica, em relação à sinergia entre conteúdos, alunos e recursos utilizados, treinamento e prática constante. Novos desafios aparecerão. Cabe ao docente disposição e disciplina na utilização das

ferramentas, com intuito de agregar valor ao processo de sua formação, bem como no desenvolvimento profissional de seus alunos. Todas estas premissas ampliam-se dos ambientes físicos formais, para ambientes virtuais - ensino a distância - e quaisquer outros em que se manifestem processos educacionais. Façamos, agora, uma reflexão a respeito da formação de professores e demais profissionais, que atuam em ambientes virtuais.

Segundo a ABED⁷ (Associação Brasileira de Educação a Distância), as matrículas em 2014 somaram 519.839 nos cursos regulamentados totalmente a distância, 476.484 em cursos regulamentados semipresenciais ou disciplinas EAD de cursos presenciais e 2.872.383 em cursos livres, totalizando 3.868.706 registros.

A evolução da educação a distância - EAD tem colocado em pauta a necessidade de uma reflexão sobre vários conceitos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem, já que há a necessidade de se fazer adaptações profundas, não apenas no formato, mas, sobretudo, na forma de ver a educação e os processos de interação (AZEVEDO, GONÇALVES e CABELLO, 2011, p. 189).

A educação a distância, que se expande em todos os níveis, não é prática contemporânea. Maia; Mattar (2007, p. 21) enfatizam, que retomando vários séculos,

[...] pode-se dizer que a educação a distância tem a idade da escrita. Nas sociedades orais, em que a escrita ainda não está estabelecida, a comunicação é necessariamente presencial. Para que alguma informação seja transmitida, o emissor e o receptor da mensagem devem estar presentes, no mesmo momento e no mesmo local.

O mundo contempla inúmeros países, independentemente do grau de desenvolvimento, atendendo milhões de pessoas com educação a distância em todos níveis. Esses cursos são oferecidos por instituições, que também oferecem cursos presenciais, mas, em outros casos, há instituições de ensino voltadas exclusivamente para o ensino a distância (MAIA; MATTAR 2007, p. 25). Almeida confirmam:

Com o advento das TIC's volta à tona a modalidade de educação a distância - EAD- para o atendimento das demandas emergentes e mutáveis das pessoas, quer sejam estudantes em busca de um novo aprendizado, profissionais do mercado, preocupados com a necessidade de atualização ou pessoas em busca de novos aprendizados (ALMEIDA, 2011, p. 201).

Cada vez mais pessoas participam desse mercado: professores, alunos, conteudistas, web designers, pedagogos dentre outros e desenvolvem diferentes papéis simultaneamente. Apesar da velocidade com que esse mercado vem se expandindo, os recursos humanos, para

⁷ ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância. Disponível em: <http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2016.

atuarem nesse cenário (EAD), não se desenvolveram com a mesma agilidade. Maia; Mattar (2007) argumentam que ainda não existe uma formação, ou melhor, um completo entendimento dessas instituições, gestores, tutores, autores, professores e alunos, sobre os papéis que cada um deve desempenhar, além dos direitos e deveres e responsabilidades neste processo. O professor em EAD deve possuir algumas características específicas, como ter capacidade de alta dinamicidade, para responder às múltiplas formatações de dúvidas dos discentes, especialmente quando em ambiente de interação síncrona.

Este docente deve saber mediar o conhecimento junto a seus alunos, ter domínio do conteúdo ministrado, habilidades e competências inerentes à tecnologia, estar atento às intervenções em fóruns de discussões e cuidar para que, alunos com dificuldades com o uso dos equipamentos ou dos aplicativos, não sejam prejudicados por sua limitação, tanto em termos de qualidade, quanto de quantidade nas participações, durante as discussões *online*.

Não menos importante, são as formas de instrumentalização e operação dos recursos tecnológicos, nas práticas de ensino-aprendizagem. Assim, dissertar sobre as principais ferramentas se faz necessário, para completar a relação entre perspectivas, capacitação e a parte instrumental das tecnologias em mídias sociais digitais.

3. Mídias sociais como ferramentas, na dinâmica do ensino - aprendizagem

Por meio das mídias sociais digitais mais utilizados pelos estudantes, novas técnicas de ensino devem ser promovidas, integrando professores e alunos. Estes últimos devem ser observados e estimulados para aproveitarem seus perfis em plataformas de relacionamento como o Facebook e o Twitter, onde a navegação é livre de amarras lineares de uma sala de aula presencial. A produção de conteúdo ou publicação de imagens e vídeos, de certa maneira, passa a ser livre e permite ao jovem participar intensamente do processo de criação e inserção de conhecimento em ambientes virtuais. Existem vários cursos

[...] e materiais disponibilizados *on-line* através de mídias de animação, pequenos vídeos, textos, hipertextos, gravações em áudio e atividades que o aluno realiza durante um período predeterminado e envia os resultados dessas atividades a um centro e/ou instituição que corrige, de forma automática, e atribui um conceito/nota que permite que o aluno passe para o próximo percurso (COELHO, 2009, p. 91).

Transformadas em plataformas colaborativas de aprendizado, as redes sociais permitem a construção não linear de conhecimento, por meio da participação dos docentes e discentes, fugindo do problema da falta de estímulo existente em ambientes de aulas tradicionais (lousa e giz) e integrando a vida dos seus usuários, conhecimentos que vão

além dos livros didáticos e do ensino padrão adotado na maioria das instituições de ensino. Viabiliza-se esta nova fronteira, com a utilização e conhecimentos de uso de elementos técnicos devem ser absorvidos pelos professores e promotores de conhecimento.

A informação, como a conhecemos, é tratada como inserção de dados, em qualquer plataforma midiática digital e os sistemas de informação trabalham apenas com os processos determinados pelos usuários. Quando professores ou alunos publicam um texto no Facebook, são direcionados por esta plataforma a contribuírem com mais elementos, sejam fotos ou vídeos. A participação de outras pessoas, curtindo ou comentando, aumenta o nível de entendimento e aprofunda a discussão de um determinado tema.

Na plataforma Twitter, que restringe a 140 caracteres, a informação passa por um processo de filtragem mais profundo e deixa apenas os dados mais básicos e importantes do assunto tratado obrigando assim, seu autor a promover um debate em forma de diálogo, pois produz parágrafos e não um texto completo por vez. “Não conseguir fazer ligações entre o conhecido e o desconhecido impede-nos de captar novas ideias e novas oportunidades” (WURMAN, 2003, p.184). Dentre os problemas nestas interações digitais, destaca-se a manipulação da informação de forma inescrupulosa por usuários das redes sociais. Como encontrar qualquer dado na internet é fácil, uma apuração detalhada do que se está utilizando deve ser a prioridade de estudantes e professores. No processo colaborativo, nem sempre as informações prestadas por um indivíduo representam a verdade sobre aquele fato. Vejamos a plataforma colaborativa Wikipédia - um grande dicionário *online* -, onde todos podem complementar, alterar ou criar novos dados sobre um tema específico. Neste modelo, temos dois tipos de manipulação: a criteriosa promovida por pessoas que buscam passar a informação correta e a inescrupulosa onde o importante não é a veracidade dos fatos, mas a opinião sem base e cheia de buracos em suas teorias.

A criação de necessidades para a aprendizagem precisa vir dos educadores, que devem aproveitar o interesse dos alunos nas redes sociais e integrar assuntos do dia a dia desses jovens, com os conceitos educacionais aplicados atualmente e promover uma discussão que permita a colaboração. Uma ferramenta digital, que já produz este tipo de participação, são os fóruns de discussão. Há muitos anos, são utilizados em sites e ajudam na busca de soluções, para diversos problemas ou apenas para a troca de ideias. Quando um aluno participa de um fórum, troca experiências com um universo amplo de pessoas, que possuem pensamentos e ideias convergentes ou não, o que gera uma riqueza de conteúdo virtual que pode render um aumento de seus conhecimentos. Durante as aulas online,

os estudantes devem ser incentivados a desenvolver atividades em que sejam sujeitos ativos do processo, interagindo com o restante do grupo, por meio dos recursos tecnológicos como fóruns, atividades em grupo, chats, troca de e-mail, construindo conhecimentos de forma diferenciada do ensino presencial (REIS; MARTINS, 2008, p. 99).

Quanto à segurança das informações e dos usuários, que as promovem ou utilizam na Internet, há que se fazer uma reflexão. *Hackers*, dados falsos e vírus são apenas alguns dos perigos existentes na Web. Outra questão é a inocente ideia de que tudo na internet é possível, ou seja, podemos publicar e inserir todos os tipos de dados e conteúdos sem controle. “A noção de que a Internet é ‘virtual’ leva muitos a encarar o que ocorre na Internet como fora da vida ‘real’” (HOEPERS, 2012, p. 10). A apresentação de normas e dicas informativas de como navegar e se portar na WEB, além de ferramentas de segurança que possibilitem uma navegação sem riscos, são fatores que devem ser levados em conta na hora de buscar e promover o conhecimento no ambiente de aprendizagem digital.

Deixando de lado a parte em que o Facebook e o Twitter são vistos apenas como meras plataformas de relacionamento, as duas mídias sociais podem ser utilizadas como ferramentas de EAD (Educação a Distância), pois já possuem incorporadas em suas linguagens os mecanismos que tornam esta modalidade de ensino uma promissora sala de aula não presencial. Recursos audiovisuais e de texto, uma conexão que possibilita a interatividade com outros estudantes e o contato entre aluno e professor tangível são apenas alguns exemplos de como a aula presencial perderia espaço para as mídias sociais. Mas, primeiro será necessária uma mudança na cultura de ensino-aprendizagem de docentes e discentes, para que ambos possam trabalhar sem perder o foco de suas atividades.

No contexto das plataformas colaborativas, existem ferramentas que possibilitam a mobilidade dos alunos e professores onde quer que estejam. São os aplicativos (apps), tablets, celulares, notebooks e seus similares que, com a conexão adequada, permitem a navegação em qualquer ponto do planeta, levando a sala de aula dos frios prédios públicos ou privados, para ambientes agradáveis e livres do peso da antiga escola de concreto.

Esses aplicativos possibilitam também o monitoramento de discussões sobre temas e tópicos específicos em tempo real, assim como o monitoramento do fluxo de novos seguidores, mensagens diretas, respostas e menções individuais (LEMOS; SANTAELLA, 2010, p. 111).

Considerações finais

Educar em novos ambientes, desprovidos de recursos humanos capacitados em novas tecnologias é, a cada dia, em cada ambiente de ensino-aprendizagem, presencial ou

não presencial, uma difícil e angustiante necessidade a ser atendida. Diante das reflexões e de revisão bibliográfica, evidencia-se a urgência de se colocar em prática a implementação das novas tecnologias no meio acadêmico/escolar, com intuito de propiciar melhor ensino-aprendizagem dos discentes.

O papel das mídias sociais na educação, atrelada às novas tecnologias da informação e comunicação (TIC's), representam desafios para professores e demais recursos humanos heterogêneos que trabalharão com elas. É importante um segundo olhar, com maior compreensão no que tange à socialização dos saberes, pois essas novas ferramentas por si só, não agregam valor ou constroem conhecimentos, e se faz necessário desenvolver trabalhos interdisciplinares, para que os conteúdos sejam disseminados de maneira eficiente e perene nas instituições. Os docentes deverão se adaptar a essa realidade por meio de aprendizado, desenvolvimento e capacitações contínuas, das novas metodologias de ensino, na busca de uma melhor e exitosa interação com seus alunos.

Como resultado das análises, constatou-se que, embora o acesso às ferramentas tenha aumentado de forma vertiginosa, ainda existem muitos problemas na capacitação, não apenas dos docentes, mas de todos os envolvidos em processos educacionais com o uso das mídias sociais, gerando um desafio para que haja uma absorção rápida e qualitativa das tendências, na educação das próximas gerações.

Essa análise destacou perspectivas sobre avanços tecnológicos, para os quais devemos dar relevância, pois, apesar do caráter cíclico - inovação, absorção, estabilidade -, a celeridade nestes ciclos é imprescindível, para que tenhamos uma sociedade competitiva, em condições de emergir e possa ser análoga às sociedades modernas. O tema é inesgotável, dada a contínua evolução tecnológica, associada às mídias sociais e educação e poderá servir como referência a outros pesquisadores envolvidos com o aprofundamento de estudos, sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo Ead Brasil 2014**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2016.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Formação do professor do ensino básico para a educação para a mídia**: avaliação de um protótipo de currículo. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista. 2011. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102217/almeida_lbc_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 08 de out. 2014

AZEVEDO, Adriana Barroso de; GONÇALVES, Elizabeth Moraes; CABELLO, Camila Faustini. Comunicação e Linguagem na EAD: A construção de um novo discurso educacional. In: GONÇALVES, Elizabeth Moraes (Org.). **Estudos de comunicação e linguagem: múltiplas experiências**. São Caetano do Sul: Virgo, 2011.

_____; FRIEDRICH, Giovana Quini. Nova comunicação e novas tecnologias na universidade: desafios da formação docente para Ead. In: GONÇALVES, Elizabeth Moraes (Org.). **Práticas comunicacionais: Sujeitos em (Re) Ação**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIBIANO, Bianca. Estudo aponta 12 tendências tecnológicas para universidades brasileiras. **Revista Veja.com**, São Paulo, out.2012. Seção Educação. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/educacao/estudo-aponta-12-tendencias-tecnologicas-para-universidades-brasileiras/>>. Acesso em: 04 jun 2016.

CAPRINO, Mônica Pegurer; GOULART, Elias Estevão; ROSSETTI, Regina. Comunicação e Sociedade: faces e interfaces inovadoras. In: CAPRINO, Mônica Pegurer (Org.). **Comunicação e Inovação: reflexões contemporâneas**. São Paulo: Paulus, 2008.

COELHO, Maria das Graças Pinto et al. **Pedagogia crítica da mídia: a teia da mídia - educação nas redes sociais contemporâneas**. Natal, RN: Edufrn, 2009.

FIGUEIREDO, António Dias. Redes e educação: a surpreendente riqueza de um conceito. In: **Conselho Nacional de Educação (2002), Redes de Aprendizagem, Redes de Conhecimento, Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação**, ISBN: 972-8360-15-0, Lisboa, maio de 2002. Disponível em: <<https://eden.dei.uc.pt/~adf/cne2002.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2014.

GOMES, Marco Antônio de Oliveira; PACÍFICO, Juracy Machado. Formação de professores e tecnologias. In: VELANGA, Carmen Tereza et al (Orgs.). **Formação de professores e as novas tecnologias em educação: uma reflexão necessária**. Florianópolis: Pandion, 2014. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=sj5mCQAAQBAJ&lpg=PA2&dq=editora%20pandion&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q=editora%20pandion&f=false>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

GOULART, Elias Estevão. Aluno 3.0: antigo personagem em nova comunicação. In: PESSONI, Arquimedes; PERAZZO, Priscila Ferreira (Orgs.). **Neorreceptor no fluxo da comunicação** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. (Coleção Comunicação & Inovação; v. 1). Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0403-3.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

HOEPERS, Cristine. Aspectos de Segurança da Informação. In: **VI Telecon, Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil - Núcleo de Informação e**

Coordenação do Ponto BR. Comitê Gestor da Internet no Brasil - Salvador, BA, 23 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.cert.br/docs/palestras/certbr-telecon2012.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

LEMOS, Renata; SANTAELLA, Lucia. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo, SP: Paulus, 2010.

LIMA, Frederico O. **A Sociedade Digital - o impacto da tecnologia na sociedade, na cultura, na educação e nas organizações.** Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark, 2000.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da Ead: a educação a distância hoje.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

OKADA, Alexandra Lilavati Pereira. Desafio para EAD: como fazer emergir a colaboração e a cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem? In: SILVA, Marco (Org.). **Educação online,** São Paulo, SP: Loyola, 2003.

REIS, Felipa Lopes dos. MARTINS, António Eduardo. A importância dos fóruns de debate na comunicação e interação no ensino online. In: **Revista de Estudos da Comunicação.** v. 9, n. 19, p. 97-111, maio/ago. Curitiba, PR: 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=2408&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 13 set. 2014.

SILVA, Geane Aparecida Poteriko da. et al. **Capacitação de professores no uso das tics na educação: Conectando realidade à prática docente.** 2011. Disponível em: <<http://gepoteriko.pbworks.com/w/page/30017075/CAPACITA%C3%87%C3%83O%20DE%20PROFESSORES%20NO%20USO%20DAS%20TICs>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa,** 4ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Quartet, 2006.

SILVA, Maria do Rozario Gomes da Mota et al. Mídias Sociais e Práticas Formativas na Educação Básica – In: **XXVI Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação -ANPAE** Associação Nacional de Política e Administração da Educação. Recife, PE. maio de 2013. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio26/4minicurso/MariadoRozarioGomesdaMotaSilva_Minicurso_int.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SOUZA, Cláudia Regina Teixeira de. et al. Redes Sociais e Educação: Mapeando Possibilidades. In: **SIMSOCIAL Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade: Práticas Interacionais em Rede.** Salvador, Bahia. 2012. Disponível em: <http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/n4_redes_44761.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação.** São Paulo: Cultura, 2003.